

VEM AÍ A PIOR RECESSÃO MUNDIAL

Sua causa: os desequilíbrios do comércio.

O problema econômico mais grave enfrentado hoje pelo mundo não é a próxima recessão mas o longo período de desaceleração atual da economia. Significa que o caminho para a próxima recessão, quando ela ocorrer, nos levará a campos desconhecidos. E um retorno à prosperidade poderá ser muito difícil — e demorado.

O crescimento econômico mundial está se desacelerando há 15 anos. O desenvolvimento menor dos anos 70 teria sido provocado pelo aumento dos preços mundiais do petróleo e pela necessidade de combate à inflação. Mas depois dele veio um crescimento ainda mais lento nos anos 80, apesar da queda dos preços do petróleo e da ausência da inflação. Vocês se lembram do **boom** previsto com tanta confiança quando os preços do petróleo caíram em janeiro de 1986? Ele simplesmente não aconteceu. Em vez disto, o desempenho do crescimento econômico mundial se tornou pior que antes.

Tudo isso tem sido pouco percebido dentro dos Estados Unidos, porque a desaceleração foi menor do que em outros lugares, porque o nível de desemprego continuou a baixar e porque o país está vivendo à larga graças dinheiro emprestado. Mas, com o desempenho da economia norte-americana agora inexoravelmente ligado à situação reinante no resto do mundo, uma economia mundial estagnada acabará arrastando os EUA também para baixo.

No passado distante (1945-1961), as recessões ocorriam por acidente. Algum elemento da demanda total (gastos com a defesa em 1954, automóveis em 1957) apresentava uma queda e o governo se apressava para resgatar o setor com a aplicação da teoria keynesiana — mais dinheiro, juros menores, reduções de impostos ou maiores gastos por parte do governo. No passado mais recente (1962-1983), as recessões tornaram-se instrumentos da determinação da política macroeconômica, deliberadamente iniciadas pelo governo num esforço para sustar a inflação. No entanto, a recessão que agora começa a surgir no horizonte não é causada nem por acidente nem por uma política proposital do governo. Trata-se de uma recessão iniciada no Exterior por causa de desequilíbrios existentes no comércio mundial e que depois acabará atingindo também os EUA.

O déficit comercial norte-americano representa um acréscimo de US\$ 170 bilhões à demanda estrangeira. Como consequência, existem pelo menos 4 milhões de trabalhadores estrangeiros dependendo diretamente do mercado norte-americano para sua sobrevivência. Assim que os Estados Unidos sanarem seu déficit comercial, estes 4 milhões de trabalhadores perderão seus empregos. Cortando-se a demanda de US\$ 170 bilhões e 4 milhões de empregos das

economias do restante do mundo, este mergulhará imediatamente numa séria recessão.

Um dólar mais fraco

A queda do dólar iniciou agora o processo de cura do déficit comercial norte-americano. A melhoria, por enquanto, ainda é pequena. O dólar precisa continuar caindo. Mas resta saber até onde ele terá de baixar — e quanto tempo será necessário — para que a posição comercial norte-americana passe do seu atual déficit para um superávit suficientemente grande para conseguir os fundos capazes de pagar os juros da dívida externa dos Estados Unidos. (Neste exato momento os Estados Unidos precisariam de um superávit comercial de aproximadamente US\$ 28 bilhões para atender às obrigações internacionais de seus juros.)

As exportações estrangeiras para o mercado norte-americano ainda não estão diminuindo rapidamente, mas tanto a Alemanha Ocidental como o Japão já parecem estar à beira da recessão. Nos dois países, as previsões econômicas otimistas feitas no início deste ano estão sendo revistas e corrigidas — para baixo. Durante os últimos 42 anos, os dois países dependeram do crescimento norte-americano e da política anticíclicas dos EUA para escaparem ou se recuperarem da recessão. Nenhum destes países tem sido capaz de crescer, exceto quando suas exportações aumentam. No entanto, para que o déficit norte-americano seja reduzido, os dois países terão de enfrentar um longo período de exportações reduzidas.

Isto significa que, para combater sua recessão, a Alemanha Ocidental e o Japão precisarão reestruturar suas economias fazendo-as ser comandadas por elementos internos e não externos. O Japão, por exemplo, terá de introduzir uma grande mudança nas indústrias de exportação, substituindo por exemplo as de produtos eletrônicos de consumo por indústrias internas como investimentos habitacionais e de infraestrutura pública. Tais mudanças estruturais exigem tempo e geram uma compreensível oposição política. As grandes indústrias de exportações não querem sair perdendo. Consequência: a recessão, que já ameaça o Japão e a Alemanha, talvez dure um bom tempo. Os processos econômicos necessários para reverter rapidamente essa tendência ainda não foram implementados.

Um risco: a inflação

Estes fatos geram pressões econômicas dentro dos Estados Unidos. Se o restante do mundo descambar para uma tendência de recessão, os EUA terão de sanear sua balança de pagamentos importando menos e não exportando mais. Significa que o dólar pre-

cisa cair a tal ponto que as importações se tornarão tão dispendiosas que os norte-americanos não poderão se dar ao luxo de continuar adquirindo os US\$ 170 bilhões em mercadorias estrangeiras que gastam atualmente. Mas o aumento dos preços das importações significa um índice inflacionário ascendente. A solução será impedir que essa inflação resultante das importações se propague para os salários e os preços internos.

Para que isso não aconteça, os preços das importações não podem aumentar com rapidez excessiva — significando dizer que o dólar não pode cair com grande rapidez. A única política eficiente para se retardar a baixa do dólar é a adoção de taxas mais elevadas de juros nos Estados Unidos. No entanto os juros mais elevados levam ao crescimento econômico mais lento e comprometem a capacidade de pagamento dos países devedores do Terceiro Mundo, dos pequenos bancos, dos produtores rurais em débito e das empresas petrolíferas e/ou imobiliárias nacionais.

Vamos supor que estas pressões bastem para iniciar uma recessão dentro dos EUA. Uma vez iniciada, a recessão no Japão, Alemanha Ocidental e Estados Unidos irão inter-relacionar-se. A recessão da economia norte-americana faz as exportações para este país caírem, com maior rapidez ainda, o que agrava a recessão externa. Caso esta se aprofunde, as exportações de produtos norte-americanos poderão cair apesar do dólar em baixa. Para corrigir o déficit comercial norte-americano, o dólar teria então de cair mais e com maior rapidez para reduzir as importações a volumes ainda menores, piorando cada vez mais a recessão no Exterior. Isto, por sua vez, intensificaria as pressões inflacionárias nos Estados Unidos, conduzindo a taxas de juros cada vez mais elevadas.

Depois que os processos recessivos simultâneos tivessem começado a interagir entre si, como se faria para sustá-las? Nenhuma das soluções clássicas está disponível nos EUA. A política monetária e as taxas de juros precisam ser usadas para defender o dólar e impedir que a inflação das importações se propague. Os impostos terão de ser aumentados e não reduzidos, e os gastos terão de ser cortados e não ampliados para se impedir a eliminação dos investimentos privados dos quais depende o sucesso futuro da economia norte-americana. Qualquer um que goste de apostar afirmaria que são grandes as chances de uma próxima recessão bem duradoura. É que os mecanismos institucionais e as políticas necessárias para abreviar esse período recessivo, ou não tem meios de fazê-lo, ou simplesmente não existem.

Lester Thurow, do Washington Post.